

RUPTURA: A CRISE DA DEMOCRACIA LIBERAL

*RUPTURE: THE CRISIS OF LIBERAL
DEMOCRACY*

Mike Ceriani de Oliveira Gomes **1**

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018, 152p.

A obra *Ruptura: a crise da democracia liberal* (2018), do sociólogo espanhol Manuel Castells (1942) logra sintetizar sua capacidade singular de realizar análises sobre o cenário político global. Traduzido pela jornalista e tradutora sergipana Joana Angélica d'Ávila Melo (1941), o livro convida o leitor a conhecer toda uma conjuntura político-social global que passariam a fomentar explicações esclarecedoras sobre articulações de líderes políticas enquanto seres comunicativos: discurso, marketing pessoal, relações de poder, agenda e eventos que podem ocorrer nos bastidores de campanhas eleitorais.

Após um texto introdutório, o autor divide a obra em cinco partes, respectivamente intituladas *A crise de legitimidade: não nos representam*; *Terrorismo global: a política do medo*; *A rebelião das massas e o colapso de uma ordem política*; *Espanha: movimentos sociais, fim do bipartidarismo e crise do Estado*, encerrando com *No claro-escuro do caos*. Castells acrescenta, à parte, um apêndice com informativos gerais sobre seus materiais e métodos de consulta para a idealização da obra, acompanhado de um convite à busca por suas informações fornecidas, dispostas na internet, e os agradecimentos.

Dentro dessa divisão, o autor realiza suas análises com dois focos que se dividem, primeiramente, até o segundo capítulo, onde direciona suas análises à formação de diversos grupos sociais, que têm como principal fundamento a falta de representatividade em campo político, sendo esta uma crise resultante da globalização. Segundo o autor, ao passo que a sociedade vai perdendo o controle sobre o mercado e sobre o Estado, há uma tendência aos grupos desassistidos a se fecharem a uma identidade própria, de difícil dissolução pela vertigem dos fluxos globais.

Em complemento à análise já feita, focada em grupos afetados pelo desemprego, os que não contam com seguridade em um cenário de dinamismo global e crises econômicas, é dedicado um espaço a tratar a formação de grupos a partir de frustrações pessoais e históricas. Castells toma então, como exemplo, a formação de grupos Jihadistas, nos quais muitos membros apresentam como principal característica a busca pelo sentido de existir, canalizada por seus sentimentos de abandono. Essa busca pode ser explicada pela marginalização social e pela impotência perante um cenário no qual sua resposta ocorre por meio de ações terroristas.

Ao adentrar o terceiro capítulo, começa a ser tratada a forma como agentes políticos atuam, estrategicamente, frente a um cenário de insatisfações coletivas para com o poder público, em específico, para com a classe política. O autor coloca, como sua primeira referência, a atuação de Donald Trump e seus discursos *anti-establishment*, o mesmo sistema discursivo que, na alegação de Castells, impulsionou as campanhas pró-Brexit no Reino Unido. O sociólogo acrescenta que tal método de atuação funcionou muito bem para Trump, nos Estados Unidos da América, bem como para o primeiro ministro britânico Boris Johnson, pois adotando tal linguagem, eles estariam habilitados a um diálogo mais eficiente com públicos que, movidos pela aversão à imigração (sobretudo por parte de muçulmanos) e pelo medo do desemprego, apostariam em remédios rápidos, partidos de ideólogos muitas vezes apresentados como *outsiders* – antagônicos à classe política que, no próprio discurso, conseguiram alimentar a ausência de confiança popular em seus opositores.

Ainda nesse capítulo, são tratadas relações entre o fortalecimento de Trump perante sua então adversária, Hillary Clinton, em que as estratégias de campanha de Clinton falham por tentar alcançar públicos muito específicos: mulheres de setores sociais mais elevados, minorias étnicas e pequenos grupos identitários. Trump, por sua vez, tem como alvo prioritário um público movido a um discurso patriótico, prometendo melhores condições de vida e trabalho aos cidadãos estadunidenses pelo enrijecimento à imigração no país, tida pelo próprio como empecilho ao desenvolvimento socioeconômico. O uso de elementos bíblicos, para boa parte do público estadunidense com forte inclinação às vertentes religiosas protestantes, católicas e, de forma geral, ao conservadorismo, também foi fator chave para sua ascensão nesse meio.

As estratégias levantadas nos Estados Unidos, reportadas pelo autor, trazem uma observação em especial ao leitor brasileiro, que acompanhou o período eleitoral de 2018 e tomou ciência de que, dentre os dois principais candidatos cotados a assumir a presidência da Repú-

blica Federativa do Brasil, houve vitória de um que mantinha seu discurso *anti-establishment*, anticorrupção e pró-geração de empregos, além dos elementos bíblicos, dos quais, um compunha o slogan de sua campanha. Do outro lado, houve a derrota de um candidato que, assim como Clinton, direcionou sua linguagem ao público de maior instrução, grupos identitários e uma fração da comunidade acadêmica.

Ainda no mesmo capítulo, Castells traz alguns apontamentos da campanha eleitoral francesa e da França *Macronista*, tirando daí um elemento que fomentaria análises para todo um cenário político europeu: a ausência de representatividade de identidade pelos líderes e partidos políticos. O sociólogo, então, passa a discorrer o cenário espanhol no pós-Crise Econômica Global (2008-2014), dando enfoque à organização de movimentos sociais, em geral independentes, ainda que com a adesão de movimentos sindicais e antiglobalização que pediam maior representatividade entre as esquerdas, ao passo que o termo “Nova Política”, comumente apresentado entre as lideranças neoliberais globais, passa a ser difundido entre as lideranças de direita no país, na intenção de não apenas manter o público já alinhado à agenda neoliberal, mas também conseguir o apoio dos apartidários que viriam a inclinar aos discursos xenofóbicos e *anti-establishment*. No mesmo capítulo, é explicado como a ascensão dessa ideologia em território espanhol daria força aos movimentos separatistas que pautariam a independência do Estado da Catalunha e sua separação da Espanha.

Em suas considerações finais, no quinto capítulo, Manuel Castells prevê um novo cenário de conflitos, surgido na internet através das redes sociais, o que vem a classificar como *ciberguerra*. Há, por outro lado, pontos positivos que este segue considerando no cenário atual, como o surgimento de instituições e movimentos progressistas capazes de mudar mentes, “como aconteceu com o movimento feminista, com a consciência ecológica, com os direitos humanos” (CASTELLS, 2018, p. 146).

Ainda que com suas críticas aos agentes políticos que se apresentam com perfis supostamente renovadores, o autor considera a necessidade de criação de uma nova política, porém, não dentro dos padrões utilizados pelos líderes demagogos que deram base a esse termo e para o que de novo não tem nada: o neoliberalismo, a xenofobia e o rompimento de instituições democráticas que, por muitas vezes, vão à contramão dos interesses dos mais ricos, detentores de poder e influência política.

Recebido em 21 de dezembro de 2020.

Aceito em 23 de agosto de 2021.